

## RETIRADA DA LAGUNA, OPERAÇÃO ANÁBASIS\*

Prof. Me. Manuel Rolph Cabeceiras  
(IGHMB e GEHM-CEIA-UFF)

Dezembro de 1864, tendo preparado o seu país para a guerra, o ditador paraguaio Francisco Solano López aproveita-se dos conflitos entre seus vizinhos platinos e, imaginando fragilizado o Império Brasileiro, resolve agir com o intuito de ampliar as suas fronteiras e formar, assim, o Paraguai Maior, a ser constituído pelas terras que considerava como tendo sido possuída pelos guaranis à época das reduções jesuíticas.

Assim, invade simultaneamente, de surpresa, as Províncias do Mato Grosso e do Rio Grande do Sul, além do território argentino de Corrientes. Diante da ameaça maior, Brasil, Argentina e Uruguai não tardam assinar, maio de 1865, o Tratado da Tríplice Aliança. Todavia, antes mesmo que tais entendimentos se fizessem, cumpria reagir às agressões sofridas.

Declarada a guerra, uma das primeiras medidas brasileiras foi enviar, partindo do Rio de Janeiro em abril de 1865, um contingente militar com o desiderato de deter o avanço lopista, recuperar o território invadido em Mato Grosso e partir para a ofensiva invadindo o Paraguai ao norte. Após passar por São Paulo e receber reforços em Uberaba (julho), capital da Província de Minas Gerais, somam cerca de 3 mil homens que prosseguem uma longa e difícil marcha por vias terrestres, a pé (o principal acesso, o fluvial, só se fazia passando por território paraguaio e seu uso era obliterado aos brasileiros, mesmo antes do início da guerra). Com ordens de expulsar os paraguaios de Miranda, chegam a Mato Grosso: Coxim, 20 de dezembro; e, completando desde a partida inicial um périplo de 2.112 km, Miranda, 17 de setembro, na ocasião já abandonada pelos invasores.

Teatro de operações secundário para os rumos da guerra, a campanha do Mato Grosso desenvolvia-se em um terreno inóspito, agravado pelo

---

\* Trabalho originalmente apresentado no III Encontro Internacional de História sobre as Operações Bélicas da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) de 27 a 30 de outubro de 2011, em Campo Grande (MS) e publicado nos anais eletrônicos do evento.

despovoamento decorrente de um processo migratório iniciado com a crise de mineração em fins do século XVIII. E se Miranda era um lugar por natureza quase inabitável, as tropas lopistas, antes de sua saída, trataram de transformá-la em ruínas. Estagnada a expedição em Miranda, ao findar o ano de 1866, cerca de um terço desses soldados tinha perecido, vítimas das mais diferentes doenças que grassavam na região, mas também da fome: as poucas fazendas nas áreas aonde a coluna chegava já haviam sido saqueadas pelos invasores, assim nem de víveres suficientes podiam dispor. Alento, contrastando em meio a tantos dissabores, apenas a beleza das vastidões sertanejas.

É então que, em 1º de janeiro de 1867 assume o comando da tropa o coronel Carlos de Moraes Camisão e será sob as suas ordens que a coluna, com um efetivo de 1.600 homens, põe-se em marcha no dia 11. Missão: contra-atacar o adversário em seu próprio território invadindo-o pelo norte de seu país.

Tinha o coronel Camisão neste seu desígnio ofensivo precioso auxílio na figura de José Francisco Lopes, profundo conhecedor da região cuja família fora toda aprisionada quando do ataque paraguaio à região. Assim, visando resgatá-la das mãos inimigas, não só passara a cooperar com a expedição, como amenizou a penúria da tropa, trazendo bois de fazenda Jardim, sua propriedade às margens do Rio Miranda, para alimentá-la. Tornar-se-ia conhecido, desde então, como guia Lopes. O empenho, porém, na ofensiva que acaba por contagiar toda coluna, não esconde a precariedade com a qual parte para cumprir e esta missão.

Acuados com pouca munição e víveres, sem apoio da cavalaria, efetivo reduzido, enfrentando o fogo inimigo e a natureza adversa e insalubre, atravessam o Rio Apa, e entrando em território paraguaio, em virtude das dificuldades de abastecimento, resolve-se investir contra Laguna, fazenda do presidente paraguaio Solano López, sobre a qual foram obtidas informações de lá se acharem víveres para a tropa. O resultado feliz desta operação, quando se logra, após um embate, tomar o acampamento inimigo em Laguna instalado, logo se transforma. A realidade em nada correspondia às informações colhidas

e, diante de tamanha, a expedição brasileira se vê compelida a ter de retirar-se de Laguna iniciando o caminho de volta ao Brasil

A retirada inicia-se em 8 de maio e só vem a terminar no dia 11 de junho de 1867: 35 dias mais de fome, moléstias, fadigas e perseguição movida pelas tropas lopistas, os quais em nosso encaço não titubearam em queimar a mata para sufocar a ousada coluna. Por outro lado, a tropa em retirada não deixou de pontilhar esse percurso com inúmeras demonstrações de heroísmo, constância e disciplina, retornando ao Brasil menos 900 homens, entre eles o coronel Camisão e o guia Lopes, mortos no trajeto.

Entre os protagonistas da expedição temos também o jovem tenente de engenharia Alfredo d'Escragnole-Taunay, o qual se incumbiu de transpor para o papel o relato da fracassada missão. «**La Retraite de Lagune - Épisode de la guerre du Paraguay**», isso mesmo, a obra que viria a se tornar um clássico da literatura brasileira, nasceu originalmente em francês e neste idioma foi impressa pela primeira vez em 1871.

Diz-nos o autor no prólogo, por ele escrito no Rio de Janeiro, datado de outubro de 1868, para esta obra: “Devo esta narrativa a todos os meus irmãos de sofrimento, aos mortos ainda mais do que aos vivos.

Em todas as épocas largo interesse se ligou às retiradas, não só por constituírem operações de guerra difíceis e perigosas, como nenhuma outra, mas ainda porque os que as executam, já sem entusiasmo nem esperanças, frequentemente entregues ao desânimo, ao arrependimento de erros ou das consequências de erros, precisam arrancar ao espírito, assim preocupado, os meios de enfrentar a fortuna adversa, que a cada passo os ameaça, com todos os seus rigores. Em tais contingências requer-se o verdadeiro cabo de guerra: ali há de se lhe revelar o traço essencial: a inabalável constância.

Vive a Retirada dos Dez Mil em todas as memórias. Colocou Xenofonte na plana dos primeiros capitães. Nos tempos modernos vários ocorreram não menos notáveis: (...).

Agosto de 2012

Resta-nos solicitar a maior indulgência para esta narrativa cujo único mérito pretende ser o dos fatos expostos. Tiramo-los de um diário escrito em campanha.

Assim nela não de abundar as incorreções, demasias e repetições; cremos dever deixá-las; são indícios da presença da verdade.”

No entanto, quem é Xenofonte e o que trata ele na referida obra? Entre Taunay e Xenofonte distam quase 2500 anos. Comum a ambos a experiência militar e literária, tendo Xenofonte, discípulo de Sócrates, se destacado como historiador.

A obra mencionada por Taunay recebeu em grego o nome de **Anábasis** (ἡ ἀνάβασις), a qual relata a marcha em 401 a.C. de um grupo de dez mil mercenários gregos, entre eles Xenofonte, a serviço de um príncipe persa, Ciro, que reclamava o trono ocupado por Artaxerxes. Apesar de a vitória ter lhes sorrido inicialmente em batalha, a morte de Ciro durante o confronto e depois dos comandantes gregos atraídos pelos persas, deixando-os isolados imersos em território hostil.



<http://www.barking-moonbat.com/index.php/weblog/2005/05/>

Em uma civilização como a ocidental, enraizada em referenciais gregos e romanos (os chamados clássicos), a operação realizada por Taunay tem clara intenção dignificante, com o intuito de proporcionar nobreza e um caráter universal ao relato. Não precisaria, para um estudioso do assunto, ter o autor afirmado tal remissão. As ressonâncias são vibrantes. Entretanto, além de declarar expressamente a associação, a destaca mais ainda ao firmar as duas retiradas, como início e término de uma série de retiradas comandadas por generais franceses, tornando mais lisonjeira a analogia, pois apenas essas duas acabam por merecer uma transposição literária totalmente absorvida por sua narrativa, eternizando-as e proporcionando, a cada uma, caráter de exemplaridade.

O epíteto de narrativa xenofônica é espontâneo e praticamente natural ao texto de Taunay, mas não lhe faltarão entusiastas que a consideram ter ultrapassado o seu mestre e paradigma. Entre estes, Jean Soublin, para quem Taunay é o “Xenofonte brasileiro”, e Ernest Aimé, que a ele se refere como “nosso Xenofonte”. Ambos, franceses, autores de prefácios a edições francesas da obra, o exaltam como tendo superado os seus paradigmas. Em maio de 1952, também em outro prefácio à obra, o historiador Afonso de E. Taunay, filho do nosso Visconde de Taunay, refere-se às façanhas narradas pelo seu pai como um dos “mais elevados feitos dos anais militares das nações do Ocidente”.

Todavia, nesse entusiasmo, Aimé a todos ultrapassa, após mencionar como a “simples palavra ‘retirada’ lembra a todos a obra imortal de Xenofonte” (p. XVI): “sob o duplo aspecto do interesse da narrativa e do heroísmo das tropas, declaramos superior a retirada da Laguna à que foi dirigida e contada por Xenofonte” (p. XVII).

No século XIX, em francês, a obra alcançou três edições (1871, 1879 e 1891), tendo sido traduzida para o português em 1874. A nosso ver, a escolha desse idioma por Taunay, remete à meta de construir a imagem de nosso país como civilização nos trópicos. Língua franca no século XIX, como hoje é o inglês e como outrora tinha sido o latim, Taunay não só pretendia exibir para o mundo a nossa versão dos fatos, como também exaltar a nossa gente e país,

eternizando os nossos feitos assim como Heródoto, Tucídides e Xenofonte fizeram com os de seus conterrâneos.

Alfredo d'Escragnolle Taunay, o Visconde de Taunay, representou no século XIX um sentido de nacionalidade característico do período monárquico brasileiro: em ***A Retirada da Laguna***, a busca pelo sentido de amor à pátria e toda a construção de imagem de um Brasil interior que se queria mais conhecido para os propósitos imperiais guiam tal esforço de construção identitária.

É impressionante como o heroísmo de nossa gente narrado por Taunay, cidadão de dois mundos, brasileiro e francês, mas instrumentalizando o segundo em função do primeiro, reverbera em Ernest Aimé. Espera este que a coragem e a disciplina dos brasileiros ali retratados possam servir de exemplo e inspiração aos franceses, os quais, em sua opinião, derrotados na recente Guerra Franco-Prussiana, tinham dado sobeja demonstração de como estavam a carecer daqueles valores que tinham excedido em nossos nacionais.

E se estamos aqui a tratar desses feitos e relatos, se tantos monumentos foram erguidos e tanto se disse, diz e dirá sobre tais façanhas é porque não se pode negar a Taunay ter alcançado tanta felicidade em realizar com o seu relato os tais propósitos eternizantes quanto Xenofonte com o seu, transformando o drama vivido por aquelas pessoas em uma grande epopeia.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes textuais

JENOFONTE, *Anábasis: la retirada de los diez mil* (trad.: Diego Gracián; introd.: Carlos García Gual). 3ª ed, Madrid: Edaf, 2004.

TAUNAY, Visconde (Alfredo d'Escragnolle) de - *A retirada da Laguna*: episódio da Guerra do Paraguai (trad.: Ramiz Galvão). Rio de Janeiro, RJ - Paris: Garnier, [1900].

\_\_\_\_\_ - *A retirada da Laguna*: episódio da Guerra do Paraguai (trad.: Affonso Taunay). 14ª ed., São Paulo, SP: Melhoramentos, 1942.

\_\_\_\_\_ - La Retraite de Laguna: récit de la guerre du Paraguay (1864-1870). Paris: Phébus, 1995.

\_\_\_\_\_ - A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai (trad.: Sergio Medeiros). São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1997.

### Obras de referência

HARVEY, Paul (org.) - Dicionário Oxford de Cultura Clássica Grega e Latina. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

### Estudos

AIMÉ, Ernest – Prólogo da terceira edição francesa in: TAUNAY, V. de, A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai. Rio de Janeiro, RJ - Paris: Garnier, [1900].

BAREL, Ana Beatriz - O Brasil dos Taunay: questões identitárias nas relações França-Brasil no século XIX in IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada, pp. 1-21.

\_\_\_\_\_ - História e imaginário: a construção de imagens identitárias em relatos de viajantes oitocentistas in “Signótica”, v17, n1, pp. 21-43, jan-jun 2005.

CASTRILLON-MENDES, Olga Maria - Taunay viajante e a construção da imagem de Mato Grosso (Tese de Doutorado). Campinas, SP: UNICAMP, 2007

\_\_\_\_\_ - Taunay viajante: uma contribuição para a historiografia literária brasileira in: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da USP*, n.46. São Paulo. 2011, pp. 217-240.

GUIMARÃES, Acyr Vaz - Mato Grosso do Sul, sua evolução histórica. Campo Grande: UCDB, 1999

MARETTI, Maria Lídia Lichtscheidl - O Visconde de Taunay e os Fios da Memória (tese de doutorado defendida na UNICAMP em 1996) São Paulo: UNESP, 2006.

NASCIMENTO, Naira de Almeida - A retirada da Laguna: imagens sobrepostas do Brasil oitocentista (Dissertação de Mestrado). Curitiba, PR: UFPR, 2002.

POHL, Angelo Inácio e SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo dos - As representações da Guerra do Paraguai na obra A Retirada da Laguna de Visconde de Taunay (<http://artigocientifico.uol.com.br/acervo/7/77/1499.html> acesso em 08set2011).

SOUBLIN, Jean - Préface: un Xénophon brésilien in TAUNAY, V. de, La Retraite de Laguna: récit de la guerre du Paraguay (1864-1870). Paris: Phébus, 1995.

TAUNAY, Affonso - Prefácio in TAUNAY, V. de, A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai. 14ª ed., São Paulo, SP: Melhoramentos, 1942.

Agosto de 2012